

SABERES E PRÁTICAS NA CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS E ESPAÇOS SOCIAIS

REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (orgs). Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. 344p.

Elisangela Aparecida Vieira*

“Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais” é o terceiro livro da coleção Geração de Ambiências, organizado pelos professores, Nelson Rego, Jaqueline Moll e Carlos Aigner da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O livro apresenta uma Geografia vivida, dá ênfase sobre a noção de lugar, e faz com que outros educadores, profissionais, atuantes de outras áreas, como a pedagogia, a psicologia social, o jornalismo, as artes, a história, a biologia exponham suas abordagens a partir da noção central.

Os textos presentes nesse trabalho são na área de Educação, especialmente de Geografia.

O eixo da proposta é a pesquisa-ação, onde o objeto de estudo é a construção de sujeitos e espaços sociais; os pesquisadores são integrantes da vida vivida nesses territórios. Como podemos ler no prefácio de Nilton Bueno Fischer¹: “Mas os autores todos têm seus vínculos com esse território uma vez que palmilharam suas existências, na condição de moradores, de estudante, de pesquisadores, de professores e, agora, de escritores.”

Esses autores contribuem para a formação de professores, para reflexão da prática docente, para a compreensão de fatores ligados ao cotidiano dos diversos atores da sociedade.

O livro está dividido em duas partes:

1ª parte: “Os estabelecimentos e os outros: fluxos na construção e na representação de territórios”.

* Licenciada em geografia e mestranda em Educação pela Universidade de Sorocaba.

E-mail: elisangelaparecidavieira@ig.com.br

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS

“Territorialidades de exclusão e inclusão social” de Álvaro Luiz Heidrich². Segundo o autor, a relação entre a sociedade e o espaço pode ser vista através do grau de participação dos grupos sociais nas integrações das quais participam. Assim como a própria sociedade, o território constitui expressão dessa integração.

A partir dessa concepção, os grupos que não se relacionam com o seu território, não obtendo, assim, uma identidade de inclusão, seja qual for o grupo a que o sujeito pertença.

“Cidade, poder, local e juventude: novos itinerários educativos”. O artigo de Jaqueline Moll³ apresenta a compreensão de o que está acontecendo para construir novos olhares sobre os desafios e limites das práticas, e desenhar outras possibilidades para a vida nos microespaços sociais, como a escola. Como recuperar ou constituir os jovens, como atores do processo social, com suas convicções, crenças, saberes, experiências e, sobretudo, com sua profunda capacidade criativa?

A pergunta é bastante pertinente, pois não temos o hábito e nem prática para dialogar e escutar as experiências dos educandos que são atores contemporâneos. Para a autora, o estudo empírico, apresentado de forma preliminar neste trabalho, aponta as fragilidades das políticas públicas locais nas cidades pesquisadas, mas coetaneamente aponta para a emergência de novos elementos reconfigurados do sentido, do lugar e das relações entre juventude, poder local e processos educativos.

“Notas sobre a nebulosa, marcas na areia - os grafismos urbanos porto-alegrenses” de Giovani S. Andreoli⁴. Nesse texto o autor analisa que as pessoas em geral não se dão conta, mas, quando se olha uma forma de expressão e registro de mensagens que não está adequada aos funcionamentos e consensos mais ortodoxos, a tendência imediata é desqualificá-la; na arte é muito comum incompreensão e hostilidade diante de novos estilos e novas escolas que se destacam por sua originalidade em tal e tal época.

Todos os registros de grafismos urbanos encaixam dentro de nomenclaturas específicas, diz o autor, as quais procuram traduzir diferenças de categorias nas formas de produção, nas referências, nas imagens veiculadas, espaços ocupados, etc.

Essa é outra forma de expressão da territorialidade.

“Caminhos da cidade: leis nas passagens/o exterior nas passagens” de Janaina Bechler⁵. A idéia apresentada nesse texto é a importância das cidades e como se dá a relação do sujeito e os seus vários espaços.

² Doutor em Geografia Humana pela USP.

³ Pedagoga, doutora em Educação pela UFRGS.

⁴ Mestre em Psicologia Social pela UFRGS.

⁵ Psicóloga, mestre em Psicologia Social pela UFRGS

Distante da agora grega, as grandes cidades contemporâneas estão formalmente mais próximas dos labirintos. O espaço público transformou-se em uma rede de passagens marcadas pelo anonimato de transeuntes.

Em todas as características do moderno, encontra-se implícita a noção de circulação. É bem verdade que esse funcionamento diz respeito à sociedade do capital, onde os valores unificam-se em torno da moeda vigente (p. 92).

Contemplação do tempo, não do espaço vivido.

“A importância da análise do lugar e das diferentes territorializações de agregados sociais urbanos para entender a cidade no ensino de geografia” de Benhur Pinos da Costa⁶ e “Os ‘estranhos’ na escola e na cidade: reflexo de um fenômeno estigmatizante que afeta os jovens que habitam a periferia das grandes cidades” de Carmen Brunel⁷. Esses dois textos são ricos em detalhes sobre a cidade e a periferia como espaço vivido.

O autor propõe um estudo da cidade na sua intimidade, procurando não ver a cidade como um espaço de consumo, do trabalho, do capital, mas entendê-lo a partir das diversas convivências que se tecem na urbanidade atual, observando os tipos sociais que se agregam nas ruas e praças, e suas características socioculturais. O professor deve incentivar seus alunos a olhar e conviver intimamente com sua cidade, apreender a diversidade de tipos sociais, entender suas expressões culturais e os diferentes lugares onde se tecem as relações dos diversos tipos sociais. Apreender a diversidade urbana significa entender a alteridade e promover uma luta contra o preconceito e a definição de estereótipos. É incentivar o reconhecimento do outro e a busca do seu entendimento e aprendizagem a partir do diálogo e apreensão de suas experiências de vida (p. 99).

A autora faz uma reflexão no sentido de entender quem é o jovem que vive hoje na periferia das grandes cidades, muitas vezes excluídos da realidade urbana, quais os espaços em que eles transitam e como eles percebem a escola e o mundo.

Todos os conceitos apresentados focam a importância de conhecer e entender outras formas de vida e minimizar alguns preconceitos.

“Reflexões sobre o processo de inclusão: a relação estabelecidos-outsiders no locus da escola” de Márcia Rosa da Costa⁸.

Esse trabalho está fundamentado no papel da escola como agente transformadora da realidade de exclusão dos educandos

6 Mestre em Geografia pela UFRGS.

7 Bióloga, doutora em Educação pela UFRGS.

8 Pedagoga, mestre e doutoranda em Educação pela UFRGS.

A escola deve garantir tempos e espaços para o educando falar e refletir seu vivido, além de proporcionar experiências de cooperação e solidariedade, procurando estabelecer parcerias com outros setores, trabalhando na perspectiva de uma sociedade mais justa (p. 138-139).

“Espacialidade e linguagem dos surdos: uma gramática no espaço” de Claudionir Borges da Silva⁹. A análise desse trabalho é muito pertinente no aspecto conhecer o espaço de relações.

Para o autor, os surdos constroem significações e as utilizam para a comunicação, elementos do espaço tanto fixos (objeto, posição) como fluxos (movimento).

Considerando que a LIBRAS constitui-se em uma linguagem espaço-visual, isso possibilita uma organização lingüística em que uma das características marcantes é a contextualidade, fato esse a ser observado para o ensino da linguagem escrita, já que essa se caracteriza pela linearidade. (p.151)

No caso dos surdos, que também se apresentam heterogêneos na aprendizagem, o espaço é o meio de comunicação e de construção de linguagem, fixos e fluxos (MILTON SANTOS, 1999) colocam-se como instrumento metodológico, no qual o mudo observa o movimento sem ruído e os objetos situados e posicionados.

Dada à construção do autor, a relação dos surdos com o espaço pode proporcionar uma reflexão rica para a geografia no sentido da contextualização e a simultaneidade de eventos.

“As vozes invisíveis” de Clarinha Glock¹⁰ e Rosina Duarte¹¹, como o nome já denuncia o nascimento de um projeto que deu além da voz uma projeção quase inimaginável dentro da sociedade.

Os participantes desse projeto aprenderam desde ler até vender o seu trabalho de escritor.

Em menos de seis meses, havia textos suficientes para encher quatro páginas não só de uma, mas de inúmeras edições repletas de sentimentos e visões de mundo, muito aquém daquelas registradas superficialmente pelos jornais diários (p. 160).

Moradores de rua, vítimas da exclusão aprendem a falar e escrever sobre suas vivências na rua, violência, descaso, drogas, etc. E através do jornal passam a ser notados pela sociedade, e começam aparecer como ‘gente’.

⁹ Licenciado em História e mestre em Geografia pela UFRGS.

¹⁰ Jornalista.

¹¹ Jornalista.

2ª Parte: “Práticas educativas instauradoras: os sujeitos e seu lugar no mundo”.

Na segunda parte do livro, os textos são referentes aos conceitos trabalhados no segundo livro da coleção, porém mais elaborados.

“Geração de ambiências: três conceitos articulados” de Nelson Rego¹². Através do conceito de Hermenêutica Instauradora, o objetivo desse artigo é expor a relação meio em torno/meio entre na perspectiva de um centro relativo que leva a contextualização das existências.

O conceito de Geração de Ambiências não se pretende como antecedente às práticas. Ao contrário, ele se fundamenta na observação de práticas (p. 191).

“Fazendo referência à vida: a escola como espaço de diálogo entre memórias individual e coletiva” de Carla Beatriz Meinerz¹³. O presente artigo propõe uma reflexão sobre a necessidade de compreendermos as memórias individual e coletiva como componentes fundamentais de nosso trabalho educativo, especificamente no ensino Fundamental, diz a autora.

Uma prática pedagógica aberta para o diálogo das diversidades apresentadas no espaço escolar, praticar uma hermenêutica instauradora, engendrando uma nova cultura escolar, com a perspectiva de reconhecer o espaço da formação de grupos.

“Geografia e educação ambiental: construindo a cidadania a partir da valorização do lugar na escola municipal Professor Larry José Ribeiro Alves” de Carlos Henrique de Oliveira Aigner¹⁴. O autor propõe, através da geografia, novas leituras do espaço vivido cotidianamente, é um poderoso instrumento para a construção da cidadania ao fortalecer a identidade através da valorização do lugar e da compreensão da articulação desta com o espaço global (p. 213).

“A educação de jovens e adultos e o ensino de Geografia: práticas possíveis” de Jussara Alves Pinheiro Sommer¹⁵. Trabalho realizado através da utilização de filmes para a tomada do sentimento de pertencimento; a autora propõe uma tomada de consciência do “seu” lugar na construção de um “geografizar o espaço”.

O desafio: transformar um sistema de ensino tão ligado a conteúdos fragmentados em ensino mais globalizado e o papel da Geografia nesse contexto.

“Inclusão e exclusão na escola: um paradoxo” de Mariléia Gollo de Moraes¹⁶. Referenciando a EJA (Educação de Jovens e Adultos) a autora mobiliza o diálogo como

12 Doutor em Educação pela UFRGS.

13 Doutoranda e mestre em Educação pela UFRGS.

14 Licenciado e mestre em Geografia pela UFRGS.

15 Licenciada em Geografia pela ULBRA.

16 Pedagoga, mestre em Educação pela UFRGS.

fundamento da prática pedagógica. Os alunos relatam o porquê de terem abandonado a escola, as dificuldades em trabalhar e estudar e a importância da escola no dia-a-dia.

“Escola... um lugar para a vida adolescente” de Sueli Salva¹⁷. Como parte da adolescência é vivida na escola, segundo a autora, é necessário que esse espaço seja um lugar que dê passagem à linguagem juvenil, para que o menino e a menina adolescente percebam que a escola é um lugar que os ajuda a construir um conhecimento e para que possa torná-los capazes de discernir o que lhes é melhor, com base numa ética da vida e para a vida (p. 253).

Quando há práticas pedagógicas que contemplem na escola, um espaço acolhedor pode se tornar um espaço inclusivo.

“Relação aluno/professor comparando a prática em cursos pré-vestibulares” de Felipe Silveira de Souza¹⁸ e Luiz Antônio Silva Freitas¹⁹. Os autores pesquisaram cursos particulares e públicos e chegaram à conclusão respectivamente:

- Professores com experiência, professores sem experiência;
- Lecionam profissionais de outras áreas, alunos de graduação;
- Altos salários, voluntários;
- Grande apoio didático, resume-se a fotocópias;
- Turmas com 200 alunos, no máximo 50 alunos;
- Ótimas instalações, por vezes precárias;
- Relação professor/aluno é polarizada, baseada no diálogo;
- Alunos de classe média, alunos de classe baixa.

O enfoque maior dessa pesquisa é a relação professor/aluno. Nos cursinhos públicos os alunos apresentam uma maior dialogicidade.

“Geografias adversas e manejo simbólico” de Lucimara Vizzoto Reffatti²⁰ e Nelson Rego²¹. Esse trabalho foi realizado sob a perspectiva e utilização de brinquedos para o conhecimento do espaço, em uma clínica.

Brincar com os pequenos pacientes de desenhar e construir maquetes de lugares urbanos com carências socioambientais (são representações que eles fazem de seus cotidianos) e confeccionar com eles cartõezinhos monetários (cheques), com valores diferenciados, que podem ser distribuídos sobre as partes do desenho ou maquete,

17 Pedagoga, mestre em educação pela UFRGS.

18 Licenciado em Geografia pela UFRGS.

19 Licenciado em Geografia pela UFRGS.

20 Pedagoga, especialista em Psicopedagogia, mestre em Geografia pela UFRGS.

21 Doutor em Educação pela UFRGS.

permitindo, então, o refazer e o melhoramento destas partes do desenho ou maquete (p.283).

Segundo os autores o brinquedo proporciona situações de elaboração de argumentos em favor de suas prioridades.

“O olho que veio do fundo da terra” de Marcelo Câmara²². Trabalho que consiste em utilizar textos, que os alunos possam identificar alguns objetos de estudo da Geografia.

Por fim, “Geografizando a luta e a questão agrária no ensino: relatos reflexivos de três experiências no ITERRA²³” de Senira Beledelli²⁴, Jorge Luiz Santos de Souza²⁵ e Jaime Fogaça²⁶.

Esse é o último capítulo do livro e também é o que contempla os conceitos apresentados nos textos anteriores. São eles: espaço geográfico, contextualização, valorização do vivido, relatos de vivência, aceitação das diversidades, conhecer o local e o global, educação ambiental, hermenêutica instauradora, etc.

Através de um Instituto que tem como base a organização do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, e experiências de professores de Geografia, torna-se possível a prática Geográfica efetiva.

Os trabalhos apresentados nesse livro propõem reflexões de grande relevância para a formação de professores e para a prática pedagógica atual.

A atuação dos sujeitos dá significado ao mundo vivido, e eles, através da ação, deixam de ser só sujeitos e passam a ser “sujeitos de sua própria história”.

Durante a leitura de alguns textos, me deparei com dificuldades para entender certos conceitos que não estão diretamente ligados à minha área de atuação (geografia), mas que a partir de uma visão mais abrangente é de grande importância no contexto educacional. Então esses conceitos aparecem como “alargamento do horizonte”.

Como foi citado anteriormente esse livro é o terceiro da coleção “Geração de ambiências”, que visa às diversas necessidades do ensino formal, incorporando também reflexões à educação não-formal, estabelecendo diálogos na perspectiva de uma educação popular emancipadora. Também coloca em evidência a importância da troca de experiências para a construção do sentimento de pertencimento afetivo a um novo lugar.

Sendo o objeto de estudo da geografia o “espaço geográfico”, a geografia se beneficia dessa construção do sentimento de pertencimento. Conhecer para transformar.

22 Licenciado em Geografia pela UFRGS.

23 Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária.

24 Licenciada e mestre em Geografia pela UFRGS.

25 Bacharel e mestre em geografia pela UFRGS.

26 Licenciado e mestre em Geografia pela UFRGS